

Relações entre a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e a Epistemologia Genética

Caroline CAREGNATO¹

Resumo

A Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical foi formulada, de acordo com seus autores Swanwick e Tillman, a partir de conceitos tomados da Epistemologia Genética. Este artigo busca observar as relações existentes entre os fundamentos dessas duas teorias de desenvolvimento a fim de identificar se existe de fato essa relação entre a Teoria Espiral e a teoria de Piaget. Neste artigo é realizada uma breve revisão de literatura, acompanhada da análise comparativa de conceitos como egocentrismo, assimilação, acomodação, imitação e intuição, encontrados na Epistemologia Genética e na Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical. Através desse trabalho de confrontação de concepções foi possível observar, por exemplo, que Swanwick e Tillman – ao contrário de Piaget – concebem a assimilação e a acomodação como processos separados, que se manifestam em diferentes momentos do desenvolvimento musical. Para aqueles autores, a imitação também só se manifesta em um momento intermediário do desenvolvimento das competências musicais e o comportamento musical é guiado pela intuição no começo de todos os grandes momentos do desenvolvimento. Embora Swanwick e Tillman apresentem uma visão diferente da proposta por Piaget em questões relativas à imitação e à intuição, cabe frisar que aqueles autores defendem questões também defendidas pela teoria piagetiana. Um exemplo dessa semelhança seria o reconhecimento por parte dessas duas teorias (Teoria Espiral e Epistemologia Genética) da importância da ação (da experimentação) no início do desenvolvimento. De forma geral, no entanto, é possível afirmar que Swanwick e Tillman realizaram uma interpretação livre de alguns dos fundamentos da teoria de Piaget, e que aqueles autores chegaram a empregar conceitos supostamente piagetianos em seus trabalhos de uma forma diferente da forma como esses conceitos são empregados dentro de trabalhos de Piaget. Essas constatações podem nos levar a negar a ideia já difundida de que a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical seja uma teoria de base piagetiana.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Musical, Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical, Epistemologia Genética.

¹ Professora assistente da Universidade do Estado do Amazonas. Doutoranda em Música pela UNICAMP. E-mail: carecarol@gmail.com.

Relations between the Spiral Theory of Musical Development and Genetic Epistemology

Abstract

The Spiral Theory of Musical Development was formulated, according to its authors Swanwick and Tillman, from concepts of Genetic Epistemology. This article aims to observe the relationship between the fundamentals of these two theories of development in order to identify whether or not exist relationship between Spiral Theory and Piaget's theory. This paper presents a brief literature review accompanied with a comparative analysis of concepts such as egocentrism, assimilation, accommodation, imitation and intuition found in Genetic Epistemology and in Spiral Theory of Musical Development. Through this work of confrontation of ideas was possible to observe, for example, that Swanwick and Tillman - unlike Piaget - conceive assimilation and accommodation as separated processes, which manifest themselves in different stages of musical development. For those authors, imitation also manifests itself only in an intermediate moment in the development of musical skills and musical behavior is guided by intuition at the beginning of all the great moments of development. Although Swanwick and Tillman have a different view of the view proposed by Piaget in matters related to imitation and intuition, it is important to stress that these authors also argue issues advocated by Piaget's theory. An example of this similarity would be the recognition by these two theories (Spiral Theory and Genetic Epistemology) of the importance of action (experimentation) early in development. In general, however, we can say that Swanwick and Tillman made a free interpretation of some of the foundations of Piaget's theory, and that those authors have even employed Piagetian concepts in their work in a different way of how these concepts are employed in some work of Piaget. These findings may lead us to deny the spread idea that the Spiral Theory of Musical Development is a theory based on Piaget.

Keywords: Musical Development; Spiral Theory of Musical Development, Genetic Epistemology.

Introdução

A Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical de Keith Swanwick está entre as teorias de desenvolvimento musical mais difundidas da atualidade. No Brasil ela tem figurado como referencial teórico recorrente em pesquisas que abordaram e tem abordado temas como o desenvolvimento da execução musical, da composição e da apreciação musical em crianças, adolescente e mesmo em adultos.

A Teoria Espiral foi lançada em um artigo apresentado por Keith Swanwick e June Tillman (1986) à revista *British Journal of Music Education* e, posteriormente, foi retrabalhada e mais profundamente descrita em livros publicados por Swanwick (1988, 1994). No artigo de lançamento da teoria, Swanwick e Tillman (1986, p. 305) afirmam ter usado conceitos da teoria piagetiana para interpretar o desenvolvimento musical das crianças que foram estudadas em sua pesquisa. Graças a essa afirmação dos autores, a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical tem sido constantemente considerada como uma teoria de base piagetiana. Autores como Hentschke (1993, p. 68) reconhecem relações entre a Teoria Espiral de Swanwick e a teoria de Piaget.

No entanto, em que medida os conceitos apresentados por Swanwick e Tillman (1986) e por Swanwick (1988, 1994) se aproximam ou se afastam dos conceitos apresentados pela teoria de Piaget? A Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical pode, de fato, ser considerada uma teoria de base piagetiana?

Este artigo tem como objetivo observar as relações existentes entre alguns conceitos da Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e conceitos relacionados ao desenvolvimento cognitivo da criança apresentados pela Epistemologia Genética.

Como veremos ao longo deste trabalho, Swanwick e Tillman (1986) de fato se basearam em alguns pontos da teoria de Piaget para a formulação de seu modelo de desenvolvimento. No entanto, esses autores também realizaram uma apropriação bastante livre de certos conceitos piagetianos. Dessa forma, parece haver mais afastamento que aproximação entre a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e a Epistemologia Genética. Contudo, gostaria de salientar que esse afastamento - que será anunciado nas próximas páginas - não se constitui em um demérito para a teoria de Swanwick e Tillman (1986). As ideias defendidas por esses autores podem estimular a elaboração de currículos para o ensino de música e de formas de avaliação musical focadas na criança e no seu desenvolvimento. Embora possamos questionar a existência de conceitos piagetianos dentro da Teoria Espiral, as contribuições que os trabalhos de Swanwick e Tillman (1986) e Swanwick (1988, 1994) trouxeram para a educação musical são inegáveis.

Devido ao reduzido escopo deste artigo, não farei aqui uma apresentação detalhada da Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical. O leitor que desejar aprofundar seus conhecimentos a esse respeito pode ser indicado a buscar as obras de Swanwick que estão elencadas no referencial bibliográfico deste artigo. Irei me ater aqui a uma abordagem bastante objetiva da Teoria Espiral e, dessa forma, irei expor apenas alguns dos aspectos dos trabalhos apresentados por Swanwick e Tillman (1986) e por Swanwick (1988, 1994). Essa abordagem da Teoria Espiral também será realizada em conjunto com a apresentação de conceitos da teoria piagetiana e a confrontação dos pontos de vista de Piaget, Swanwick e Tillman.

Valorização do produto e não do processo

Swanwick e Tillmann (1986) construíram a sua Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical a partir de um estudo realizado com crianças de 3 a 9 anos de idade. Os participantes do estudo frequentaram aulas de música na

escola regular e, durante essas aulas, foram convidados a produzir composições. O resultado sonoro final dessas composições foi gravado e esse material foi analisado por um grupo de juízes que foi convidado a inferir a idade dos autores de cada um dos trabalhos. A partir das idades que foram atribuídas aos autores das composições pelos juízes, os pesquisadores criaram um modelo de desenvolvimento musical, relacionando faixas etárias a tipos específicos de resposta musical. O processo de produção das composições não foi analisado pelos juízes ou pelos autores do estudo. Swanwick e Tillman (1986) projetaram o seu modelo de desenvolvimento musical a partir do produto musical apresentado pelas crianças.

A opção dos autores por focar seu trabalho na análise do produto da ação infantil sem considerar o processo de composição das crianças reflete uma postura metodológica oposta à adotada nos estudos piagetianos. O método clínico, desenvolvido e usado por Piaget (apud DELVAL, 2002), parte da observação do processo que conduz a criança a apresentar uma dada resposta. O pesquisador que trabalha a partir do método clínico não se mantém focado na resposta final ou na constatação dos acertos ou dos erros apresentados pela pessoa estudada. O método clínico busca compreender o que leva o indivíduo a manifestar as resposta que apresenta.

Embora Swanwick e Tillman (1986, p. 311) afirmem ter observado o processo de produção das composições das crianças e não apenas o produto desse trabalho, podemos nos questionar até que ponto essa observação se concretizou, já que a avaliação realizada pelos juízes foi centrada nas composições das crianças. Maffioletti (2005, p. 50) e Kebach (2008, p. 32) também contestam essa afirmativa, e defendem que os autores não valorizaram o processo de construção musical dos participantes de seu estudo.

Swanwick (1988, p. 84) retoma essa questão alguns anos mais tarde e esclarece o seu posicionamento. Ele afirma que não teve a intenção de observar a forma como as crianças do estudo se relacionavam com os instrumentos musicais durante o ato de composição (processo). Ele estava preocupado em observar os resultados (produtos) dessa interação, e foi a partir desses que sua teoria foi construída. Em síntese, parece haver um distanciamento entre o método clínico e a metodologia adotada para a formulação da Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical.

A questão das idades

Swanwick e Tillman (1986) afirmam que o desenvolvimento musical ocorre em 8 etapas agrupadas da forma como segue e na seguinte ordem:

- Nível dos Materiais (dos 0 aos 4 anos de idade) – dividido em nível Sensorio e nível Manipulativo.
- Nível da Expressão (dos 4 aos 9 anos de idade) – dividido em nível da Expressão Pessoal e nível Vernacular.
- Nível da Forma (dos 10 aos 15 anos) – dividido em nível Especulativo e nível Idiomático.
- Nível do Valor (15 anos ou mais) – dividido em nível Simbólico e nível Sistemático

Cada uma dessas etapas é apresentada em associação com uma faixa etária durante a qual ocorre a sua manifestação. As idades apontadas, contudo, não são um padrão que possa ser generalizado para todas as crianças. Swanwick e Tillman (1986, p. 306) frisam que o desenvolvimento musical não ocorre necessariamente de acordo com as marcas etárias apresentadas.

Os estágios de desenvolvimento do pensamento da criança formulados por Piaget (1983a) também foram apresentados por esse autor em conjunto com dados sobre a faixa etária aproximada de manifestação de cada

uma dessas etapas. Entretanto, Piaget (1983b, p. 235) salienta que essas idades também podem variar conforme a população que esteja sendo estudada.

Observamos, portanto, uma preocupação desses três autores (Swanwick, Tillman e Piaget) com o não estabelecimento de limites fixos para o desenvolvimento ou para a manifestação dos estágios. Os indivíduos (ou os sujeitos psicológicos) podem apresentar um desenvolvimento mais lento ou mais rápido que o previsto para o sujeito epistêmico sobre o qual essas duas teorias de desenvolvimento parecem ter sido construídas.

A adaptação ao social e o egocentrismo

O modelo da espiral, proposto por Swanwick e Tillman (1986) e apresentado na figura 1, nos permite a visualização não apenas das etapas de desenvolvimento musical apresentadas acima, mas também de um movimento que ocorre da esquerda para a direita e que se repete em 4 níveis, correspondentes às quatro “voltas” da espiral. De acordo com esses autores, os estágios inscritos no lado esquerdo da espiral são marcados pelo egocentrismo e pela experimentação. Os estágios do lado direito denotam esforços do indivíduo de adaptação às convenções sociais (SWANWICK, TILLMAN, 1986, P. 334).

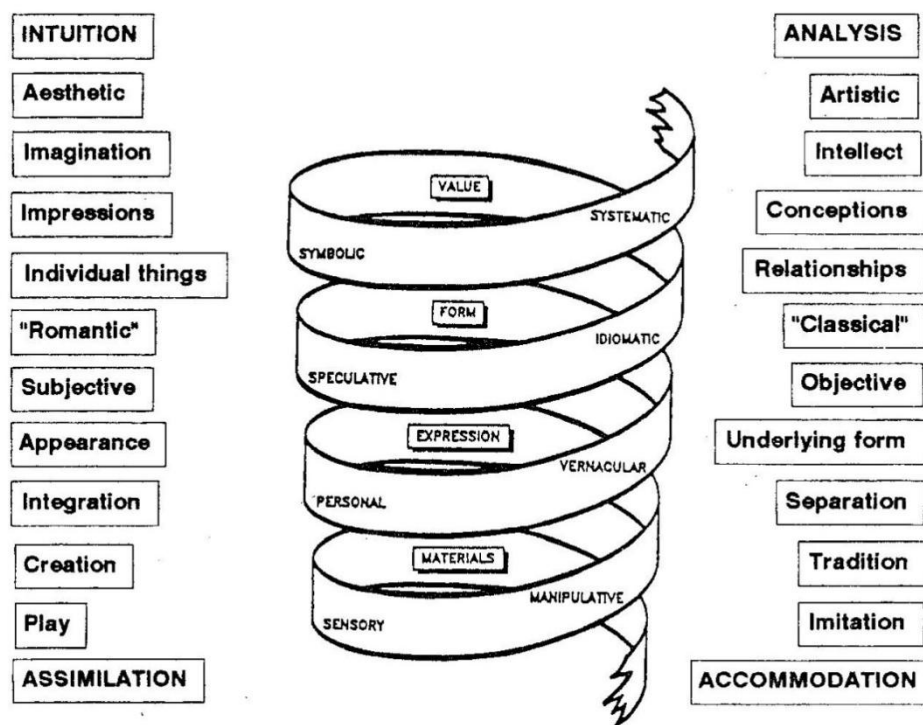


Figura 1 – Espiral de desenvolvimento musical. Fonte: SWANWICK, 1994, p. 87.

Swanwick e Tillman (1986, p. 334) concebem o egocentrismo característico do lado esquerdo da espiral como uma forma de individualismo, que leva o sujeito a manifestar-se musicalmente de modo pessoal e sem uma preocupação de adaptação àquilo que é considerado como socialmente válido, ou àquilo que é praticado pelos membros do grupo no qual a pessoa se encontra inserida.

A relação que esses autores estabelecem entre o egocentrismo e o individualismo é, em certos aspectos, diferente da forma como Piaget (apud DOLLE, 1978, p. 29) encara a questão. Para esse autor, o egocentrismo também se manifesta em diferentes momentos do desenvolvimento da criança, assim como para Swanwick e Tillman (1986). Contudo, o egocentrismo deve ser entendido como uma espécie de ilusão de perspectiva que leva o indivíduo a atribuir às coisas e às pessoas a sua volta o seu ponto de vista. É como se o “outro” não possuísse o seu próprio modo de ver o mundo.

A pessoa egocêntrica, entretanto, não deve ser confundida com a egoísta ou com a individualista porque ela não possui consciência da sua individualidade. Se a criança não consegue levar em conta o ponto de vista dos outros e a subjetividade inerente a esses sujeitos, não é porque ela empreenda um esforço deliberado de negação do “outro”, semelhante ao que o individualista ou o egoísta empreende. Há, antes, uma impossibilidade cognitiva que impede o indivíduo de considerar a subjetividade do “outro”. A criança egocêntrica também não possui consciência da sua subjetividade, logo também não pode ser acusada de “reduzir tudo a si mesma”, como faz o individualista (DOLLE, 1978, p. 29). O egocêntrico não possui consciência do seu individualismo (subjetividade), portanto, não pode adotar uma postura individualista ou de valorização apenas da sua subjetividade. Dessa forma, o modo como Swanwick e Tillman (1986) compreendem o egocentrismo e o individualismo parece se afastar do modo como a teoria piagetiana apresenta a questão.

Se o lado esquerdo da espiral é marcado pelo egocentrismo - de acordo com a concepção que Swanwick e Tillman (1986) fazem do termo - o lado direito é marcado por um esforço de adaptação ao social. Podemos inferir, através do modo como a Teoria Espiral foi exposta, que esse processo de adaptação só se manifesta ao longo de determinadas etapas do desenvolvimento - ao longo das etapas situadas do lado direito da espiral. Os níveis Manipulativo, Vernacular, Idiomático e Sistemático são, em síntese, marcados pela adaptação.

De acordo com a teoria piagetiana, entretanto, esse esforço de “adequação” do indivíduo ao seu meio social - também denominado “processo de adaptação” (PIAGET, 1975, p. 16) - permeia todas as fases do desenvolvimento humano. É através desse processo que os conhecimentos são adquiridos ou que conhecimentos antigos são revistos e reformulados. Ao contrário do que Swanwick e Tillman (1986, p. 334) sugerem, a adaptação (ao menos na acepção

piagetiana do termo) não ocorre apenas em certos momentos do desenvolvimento.

A assimilação e a acomodação

Em seu livro *Musical Knowledge*, Swanwick (1994, p. 87) apresenta ainda outras características das fases de desenvolvimento musical situadas no lado esquerdo da espiral (figura 1): intuição, imaginação, impressões, subjetividade, jogo e assimilação, entre outras. Os estágios do lado direito são marcados pela análise, pelo intelecto, pelas concepções, pela objetividade, pela imitação e pela acomodação. Para cada uma das características do lado esquerdo existe uma espécie de característica antônima localizada no lado direito.

Podemos observar, portanto, que Swanwick (1994) e Swanwick e Tillman (1986) situam a assimilação e a acomodação em diferentes momentos do desenvolvimento e, assim como fazem com relação ao egocentrismo e à adaptação, afirmam que esses processos acontecem apenas em determinadas fases. Para Swanwick (1994, p. 97), a acomodação permite a adequação às convenções sociais, e a assimilação se constitui em uma apropriação pessoal das coisas e não propriamente a uma sujeição às regras socialmente estabelecidas. Esses termos ainda foram definidos pelo autor (SWANWICK, 1994, p. 86) como: a assimilação consiste em assimilar as coisas diretamente a nossa visão de mundo ou às nossas impressões pessoais sobre o mundo; a acomodação se constitui em uma revisão analítica, objetivada das nossas interpretações do mundo.

Para Piaget (1975, p. 16-17), a assimilação e a acomodação são processos indissociáveis que permeiam todo o desenvolvimento – e não apenas algumas fases, como sugere Swanwick (1994). A assimilação pode ser definida como o processo de entrada de informações no pensamento, e a acomodação como a transformação/apropriação dessa informação pelo pensamento do su-

jeito (PULASKI, 1983, p. 23). Esses processos não são independentes e, juntos, constituem o que foi denominado por Piaget (1975, p. 16-17) “adaptação”.

A adaptação pode ser entendida como um processo de adequação às convenções sociais, como vimos anteriormente. Assim sendo, a acomodação não é vista pela Epistemologia Genética como o único processo responsável pela adequação às convenções sociais, assim como a Teoria Espiral sugere em suas formulações iniciais. De acordo com a teoria de Piaget (1975, p. 16), assimilação e acomodação juntas são as responsáveis pela adaptação do indivíduo ao seu meio. A acomodação depende da assimilação para que essa adaptação ocorra.

A assimilação também não é entendida dentro da teoria piagetiana como o único processo permeado pelas impressões do sujeito ou por suas “visões de mundo”. Todo o processo de construção do conhecimento, ou em outras palavras, todo o processo de adaptação é permeado pela subjetividade (pelas impressões ou pelas “visões de mundo” que o sujeito é capaz de formular). A realidade não pode ser conhecida a não ser por meio do sujeito e de seu pensamento (PIAGET, 1975, p. 18), ou por meio das visões que o indivíduo é capaz de criar sobre a realidade. Não existe nenhum conhecimento que não possa estar de alguma forma sendo influenciado pelo modo como compreendemos – ou achamos que compreendemos – o mundo. Desse modo, assimilação e acomodação (ou, em síntese, o processo de adaptação) são processos subjetivos, marcados pelas “visões de mundo” que o sujeito é capaz de engendrar. Ao contrário do que sugere Swanwick (1994), a assimilação e a acomodação estão à mercê das nossas interpretações da realidade. É possível que não haja de fato um processo mais objetivo e outro mais subjetivo. É possível que a objetividade, ou aquilo que julgamos como sendo a realidade objetiva, seja mais uma entre outras visões subjetivas ou pouco adequadas que formamos a respeito do mundo.

A intuição

“Intuição” é um termo associado às fases de desenvolvimento situadas no lado esquerdo da espiral de Swanwick (1994), conforme vimos. Ela está presente nos níveis Sensorial, Pessoal, Especulativo e Simbólico, ou seja, no começo de cada uma das grandes etapas (Materiais, Expressão, Forma e Valor) a que Swanwick (1994, p. 88-90) se refere.

Como Maffioletti (2005, p. 56) aponta, a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical compreende a intuição de uma forma um tanto diferenciada da forma como esse termo é colocado dentro da Epistemologia Genética. Piaget (apud MAFFIOLETTI, 2005, p. 56) relaciona o termo intuição a um tipo de pensamento, o pensamento intuitivo. Segundo esse autor, o pensamento intuitivo se manifesta em uma determinada fase do desenvolvimento da criança, e não no início de todas as fases, como sugere Swanwick (1994). A fase marcada pelo pensamento intuitivo, na teoria piagetiana, é intermediária e aparece entre o desenvolvimento do pensamento concreto e o desenvolvimento do pensamento operatório.

Em um trabalho posterior ao trabalho de lançamento da Teoria Espiral, Swanwick (1994) esclarece de que forma se apropriou do termo “intuição”. Ele afirma que sua “visão não está inteiramente de acordo com a de Piaget” (SWANWICK, 1994, p. 86), pois ele concebe a intuição como uma característica do processo de assimilação e diz que ela se manifesta quando assimilamos as coisas diretamente à nossa visão de mundo (SWANWICK, 1994, p. 86).

A imitação

Swanwick e Tillman (1986, p. 309) afirmam que, em linhas gerais, o desenvolvimento musical da criança (ou mais especificamente o desenvolvimento da composição infantil) ocorre através de uma sequência de estágios marcados pela Maestria (manipulação dos materiais musicais), pela Imita-

ção e pelo Jogo Imaginativo, nesta ordem. Portanto, os estágios de Materiais, Expressão e Forma estão relacionados respectivamente a esses comportamentos. A figura 2 mostra essa relação.

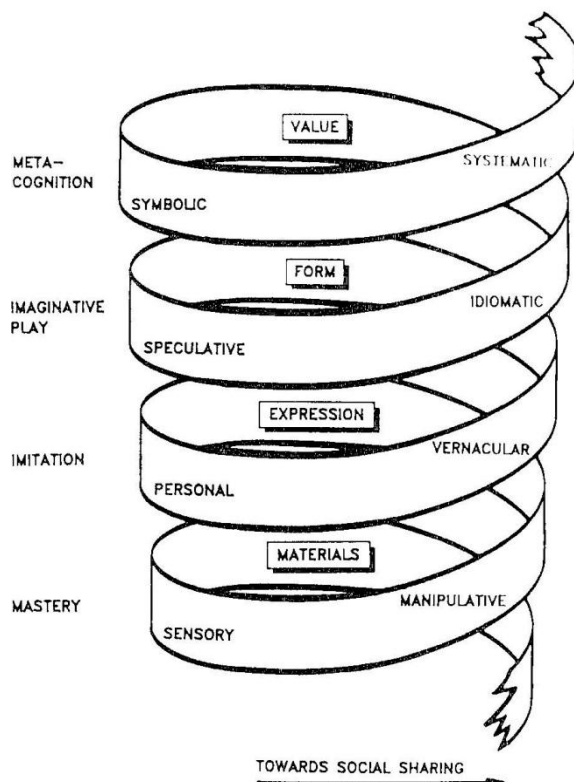


Figura 2 - relação entre os estágios de desenvolvimento da Teoria Espiral e a Maestria, a Imitação e o Jogo Imaginativo. Fonte: Swanwick, 1988, p. 76.

Para Swanwick e Tillman (1986), a imitação parece surgir apenas em um nível intermediário do desenvolvimento da criança, que é marcado pelo comportamento de reprodução das ações de outra pessoa.

Segundo Piaget (1990), a imitação está presente desde muito cedo no desenvolvimento infantil, possivelmente desde os primeiros dias de vida do bebê, e não apenas em uma fase intermediária de desenvolvimento. Para esse autor a imitação tem importante papel desde o começo do desenvolvimento porque ela permite ao bebê construir seus primeiros esquemas e, no

final do período sensório motor (o primeiro período do desenvolvimento cognitivo da criança), leva ao surgimento da representação, imprescindível para a continuação do desenvolvimento infantil.

A ação no início do desenvolvimento

De acordo com Swanwick e Tillman (1986, p. 317) e Swanwick (1994, p. 88), durante a primeira fase de desenvolvimento musical, a fase dos Materiais, a criança realiza explorações e experimentações com instrumentos musicais e materiais sonoros (nível Sensorial) e, gradualmente, essa manipulação se torna mais controlada e alguns recursos técnicos dos instrumentos musicais passam a ser explorados (nível Manipulativo). Ao longo do nível dos Materiais, a ação (exploração e manipulação sonora) desempenha um importante papel.

Também segundo as observações de Piaget (1983b, p. 237-238), ao longo do primeiro estágio de desenvolvimento do pensamento (estágio sensório-motor) a criança realiza manipulações sobre os objetos do seu entorno empreendendo, através desse processo, a construção de esquemas. Essas diversas ações, desempenhadas pela criança sobre os objetos, são coordenadas ao longo dessa fase, e manipulações de objetos, diferenciadas e cada vez mais precisas e dirigidas, se tornam possíveis. Até o surgimento da representação, no final do período sensório-motor, é por meio da ação que a criança compreende o mundo.

A Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e a Epistemologia Genética parecem defender um ponto comum: o início do desenvolvimento musical e do pensamento da criança é fortemente marcado pela experimentação e pela manipulação de objetos. Como Carneiro (2006, p. 88-89) frisa, a sistematização das explorações empreendida pela criança durante a passagem do nível Sensorial para o Manipulativo, segundo a Teoria Espiral, também foi observada

por Piaget durante a passagem da fase V para a fase VI do período sensório-motor.

Fatores que determinam o desenvolvimento

De acordo com Swanwick e Tillman (1986, p. 338), o desenvolvimento musical da criança é influenciado pelo ambiente. Segundo eles, um ambiente rico – um ambiente onde ocorram “encontros musicais” ou experiências musicais ricas – pode acelerar o desenvolvimento musical. O desenvolvimento musical também pode ser retardado ou vir a não se completar se a criança viver em um ambiente musicalmente pobre.

Apesar das críticas usualmente feitas à teoria de Piaget, esse autor também considera a influência do ambiente no desenvolvimento da criança. Segundo ele (apud DELVAL, 1998, p. 141-142), a realização de experiências de manipulação física do ambiente e de experiências lógicas – de pensamento – sobre o meio estão entre um dos fatores que determinam o desenvolvimento. A interação social da criança com os adultos (professores, pais, etc) que a cercam, ou a interação da criança com outras crianças de sua idade ou de idades diferentes, também é um dos fatores que interferem no desenvolvimento. A Epistemologia Genética e a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical parecem apresentar pontos de vista semelhantes a respeito da influência do meio na aquisição de habilidades cognitivas e musicais.

Contudo, Piaget (PIAGET, 1983b, p. 224) ainda afirma que não basta a realização de experiências sobre o meio ou o estabelecimento de contatos e transmissões sociais. O desenvolvimento da criança ainda é determinado pela maturação do seu organismo ou, em outras palavras, pelo desenvolvimento fisiológico, em especial do sistema nervoso.

Por trás de todos os processos de trocas sociais, realização de experiências sobre o meio ou de maturação está a equilibração. Ela (a equilibra-

ção) é considerada como o quarto fator responsável pelo desenvolvimento infantil, dentro da teoria piagetiana. O processo de equilibração permite o restabelecimento do equilíbrio (ou melhor, do quase-equilíbrio, já que o equilíbrio total nunca é atingido) da estrutura de pensamento da criança toda vez que trocas estabelecidas com o meio físico e social rompem como esse estado de equilíbrio, ou toda vez que processos de maturação ameaçam o equilíbrio da estrutura cognitiva (PULASKI, 1983, p. 24-25).

Assim sendo, o desenvolvimento cognitivo da criança não pode ser controlado apenas “de fora”, com o oferecimento de um meio social que permita à criança realizar experiências ricas, ou que leve ao estabelecimento de trocas sociais. O desenvolvimento também é determinado por fatores “endógenos”, que não podem ser controlados diretamente de fora do organismo da criança e que dizem respeito à maturação e à capacidade da estrutura do indivíduo de realizar equilibrações.

A Teoria Espiral, por não levar em consideração a existência de aspectos como a equilibração e a influência da maturação no desenvolvimento, pode ser considerada uma teoria que se aproxima de uma concepção empirista e que se distancia, portanto, da perspectiva interacionista piagetiana.

Conclusões

Conforme os breves dados expostos ao longo deste artigo, podemos observar que alguns dos fundamentos da Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical se aproximam de fundamentos ou conceitos da Epistemologia Genética. Swanwick e Tillman (1986), assim como Piaget (1983b), reconhecem a importância do meio no desenvolvimento da criança, observam que a ação (manipulação, experimentação) está fortemente presente no início do desenvolvimento da criança, e que as idades em que ocorre a aquisição de habilidades podem variar.

Contudo, existem também diversos pontos de divergência entre essas duas teorias que cobrem questões de ordem metodológica (análise do produto x análise do processo), e questões relativas à forma como são interpretados e usados os conceitos de egocentrismo, assimilação, acomodação, intuição e imitação. Piaget (1983b) ainda considera a influência de fatores não mencionados por Swanwick e Tillman (1986) e por Swanwick (1988, 1994) no desenvolvimento da criança.

Como vimos ao longo deste artigo, certos conceitos e fundamentos do trabalho piagetiano foram apropriados por Swanwick e Tillman (1986) de uma forma bastante pessoal. A Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical parece ter sido formulada a partir de uma releitura da Epistemologia Genética, ou a partir de uma interpretação mais livre dos conceitos formulados por Piaget. Dessa forma, a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical dificilmente pode ser considerada como uma teoria baseada na Epistemologia Genética. Ela se constitui, antes, em um trabalho inspirado nos trabalhos de Piaget, mas também em vários pontos distanciado das concepções piagetianas sobre desenvolvimento.

Referências

CARNEIRO, Aline Nunes. **Desenvolvimento musical e sensório-motor da criança de zero a dois anos: relações teóricas e implicações pedagógicas.** 96 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DELVAL, Juan. **Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola.** Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Método clínico: descobrindo o pensamento das crianças.** Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DOLLE, Jean-Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética piagetiana.** Tradução: Maria José J. G. de Almeida. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HENTSCHKE, Liane. **A Adequação da Teoria Espiral como Teoria de Desenvolvimento Musical.** Fundamentos da Educação Musical. ABEM, Porto Alegre. Vol. 1, p.47-69, 1993.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. **Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo.** 301f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Diferenciações e integrações: o conhecimento novo na composição musical infantil** 279f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** Tradução: Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. A epistemologia genética. In PIAGET, Jean. **Os pensadores: Piaget.** Tradução: Nathanael C. Caixeiro. São Paulo: Editora Abril, 1983a.

_____. Problemas de psicologia genética. In PIAGET, Jean. **Os pensadores: Piaget.** Tradução: Célia E. A. Di Piero. São Paulo: Editora Abril, 1983b.

_____. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

SWANWICK, Keith. **Music, mind and education**. London: Routledge, 1988.

_____. **Musical knowledge**: intuition, analysis and music education. London: Routledge, 1994.

SWANWICK, Keith; TILLMAN, June. **The sequence of musical development: a study of children's composition**. British Journal of Music Education. Cambridge Journals, Cambridge. Vol. 3, p. 305-339, 1986.

Recebido em: 07/05/2013

Aceite em: 11/07/2013